A METAMORFOSE DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA: A EDUCAÇÃO COMO VIABILIZADORA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Karin Santana Santos
Karinsantana_25@hotmail.com. UNESP- Marília.

Resumo: Pretendemos situar o trabalho na sociedade capitalista, enfatizando que este não acolhe a especificidade de ser um agente humanizante que, leva o homem a transcender sua condição natural. Nesta categoria societária o velho jargão o "trabalho dignifica e enobrece o homem" cede espaço a produção de mais- valia, já que todo trabalho excedente se consolida no conceito de valor, e este vem cristalizar-se no trabalho humano, que sucessivamente se incorpora a um produto. Almejamos comprovar que o trabalho passa por uma metamorfose, onde a base Fordista entra em colapso e a produção em massa, padronização, cedem lugar a Toyotização, que visa atender a um mercado diferenciado, estocando o mínimo, isso no melhor tempo (Just in time) com máxima qualidade, flexibilizando a polivalência, aumentando a mecanização, gerando um processo de superexploração e subproletarização. Finalizamos com a ideia de a educação e a formação política do cidadão é uma das bases para que ocorra uma modificação contextual.
Palavras-chave: Educação. Metamorfose. Trabalho.

Introdução:

Para realizarmos este artigo adotaremos em seu corpo um referencial bibliográfico, valendo-nos de autores como: Antunes, Marx, Mészáros, Bourdieu, Dejours, Sanches e Asbahr, Duarte, Paro, Saviani.

O mesmo será dividido em três partes, na primeira recordaremos como é o trabalho na perspectiva marxista, que se dirige a finalidade de criar valores de uso. Em um segundo momento, apresentaremos o trabalho na sociedade capitalista gerando frutos de mais valia, estranhamento e alienação.

O trabalho é entendido por Marx como uma atividade que se adéqua a um fim, e é com as necessidades que consolidamos objetivos, traçamos metas, nos adequamos, agimos, interagimos e nos humanizamos por meio do trabalho.

A posição defendida por Marx é diferida da que vivenciamos na sociedade capitalista, já que o trabalho em tal circunstância não funciona como algo que liberta o homem ou o emancipa, pois é ele um disseminador de conformismo, onde o homem produz muito mais que o necessário para reproduzir sua força de trabalho, e é neste excedente de produção, ou seja, na mais valia que o capitalismo se apropria e expande sua fonte de riqueza.

Na segunda parte, assinalaremos que o trabalho vem passando por uma verdadeira metamorfose, já que com a crise fordista, que levava em cômputo, a produção em massa a cronometria, cedendo espaço ao toyotismo, houve flexibilização, uma especialização, com vias de atender um mercado restrito, onde se vigorava o método kanban[1], com o desígnio de satisfazer, atender rapidamente pedidos pequenos e variados, substituindo o capital vivo por capital morto.

O fato é que com estas modificações o trabalhador foi perdendo sua identidade, aderindo à identidade da empresa, e com o toyotismo em ascensão, se ergueu um processo dualista de desespecialização, e polivalência, que consagrou o trabalhador como um ser multifuncional.

O que ansiamos discutir, é que ocorre um movimento multiprocessual, onde o capitalismo contemporâneo, tem vertentes dilatadas, que levam a desproletarização, enquanto nos países de capitalismo avançado, ocorre a ampliação da subproletrarização.

Para finalizar condescendemos que a educação, em sua gênese, e mais designadamente o processo pedagógico, é uma arma contra o capitalismo, pois lida a todo o momento com um conteúdo que em sua forma pura, não se cristaliza no fetichismo mercantil, rompendo com a lógica imposta, pois o trabalho educacional se enquadra na categoria de trabalho não material, inexistindo separação entre produto e o ato de produção.

O trabalho sob a ótica Marxista.

Marx coloca que o trabalho "é a atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio entre o homem e a natureza; é a condição natural e eterna da vida humana" (MARX, 1996, p.208).

O trabalho é compreendido como uma atividade que precisa se adequar a uma finalidade especifica isto é o que nos torna humanos e nos diferencia dos animais, o fato de conseguirmos planejar, moldar, traçar metas, nos leva a entender a película da nossa condição humana, tendo o arbítrio par nos condicionarmos a ela ou supera-la. O trabalho conforme Paro (2000) em sua forma humana é, pois, a *mediação* que o homem necessita para construir-se historicamente.

---

[1] O método Kanban, era uma senha utilizada por supermercados americanos para indicar a necessidade de reposição de mercadorias, já que após a venda, se tornava imprescindível a reposição imediata, o toyotismo toma a ideia e a insere na linha de produção, repondo as peças após sua comercialização.

Segundo Antunes (2010) trabalho é a realização do ser social e este se objetiva com através da produção e reprodução da sua existência, ou seja, o homem por meio do trabalho se forma, desenvolve laços cooperativos, dentro de um processo de produção material, o autor referido constata que: "o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho. É a partir do trabalho, em sua continuidade, que o homem torna-se ser social, distinguindo-se de todas as formas não humanas". (ANTUNES, p. 14, 2010).

Seguindo com as constatações dos acima citados fica evidente que o trabalho em sua gênese tem por função criar valores, que possibilitem a realização do ser, para que se constitua a pessoa humana, no campo do trabalho é que se concretiza o que Antunes, partilhando com Marx, considera como transformação da forma da matéria natural.

Antunes vê que o ser humano vem ideando no seu plano consciente, a configuração que este procura imprimir a se próprio objeto de trabalho, em outras palavras, o homem vem objetivando o trabalho antes mesmo de sua realização, o que incide no desenvolvimento potencial de sua capacidade teológica.

Para confirmar estas colocações vemos que o baldrame de Lúkács (1979) é de grande valor, para ele o trabalho é um elemento que ressalta a capacidade do ser, é um movimento que viabiliza a ontologia social, o trabalho deve:

> Resaltar a capacidade teológica do ser social. É no trabalho, entendido como protoforma, como forma originária da atividade humana, "que se pode demonstrar ontologicamente que o estabelecimento de uma finalidade é um momento real da efetiva realidade material (....) qualquer trabalho seria impossível seria impossível se não fosse precedido de uma tal colocação, determinando-lhe o processo em todas as suas fases.(LÚKÁCS, p. 5, 1978)

Ora, é fato, portanto, que com o trabalho em sua gênese, temos um uma manifestação social, racional, que cria valores com ações e reações dirigidas, Hegel, é um dos autores que consideram este pressuposto como uma diretividade a uma finalidade explicita onde o trabalho é visto como algo vital.

Marx em o capital ele faz referências várias vezes a expressão de trabalho, sendo atividades dirigidas com o objetivo de criar valores de uso, para entender um pouco melhor o que o autor toma por trabalho é preciso retomar a femenologia de Hegel, onde a conceituação de atividade tem uma determinância que a apraza do trabalho.

Para apreender o trabalho por parte dos pressupostos hegelianos, temos a constatação de que o trabalho é o *"ato pelo qual o homem se produz a si mesmo*", de

modo mais lacônico a consciência determina a existência, tomando por bem o terceiro manuscrito econômico- filosófico, que se volta para a crítica dialética da filosofia hegeliana, Marx reconhece o mérito dos escritos de Hegel, pois a grande sacada dele foi perceber a importância que o trabalho tem no desenvolvimento do ser social, já que este ser é como parto do trabalho.

Mesmo concordando em partes com Hegel, Marx nega a concepção de trabalho como algo que é genuinamente espiritual, aderindo ao conjuntivo de que a atividade material é a grande representante, portanto, responsável pela autoconstrução humana, o que Marx fez foi romper com os indicativos de que somente com a espiritualidade e a teologia é que o homem se consolida, a consciência não determina a existência, mas a existência determina a consciência.

Na lógica marxista trabalho, libera a condição humana, um dos primeiros passos para liberar os seres, se deu no período dos primórdios, quando o homem saiu de seu estado primata, e começou a se mover, andar, e consecutivamente, por conta de uma necessidade começou a "se virar" para sanar seus objetivos, e conseguir manter sua subsistência, após isso foi havendo modificações diversas, o homem passou a cuidar não só de sua substância, mas a de um grupo, uma família, superando a própria natureza por meio do trabalho.

É manifesto que dentro do contexto marxista advém do trabalho do ser humano a irrefutável possibilidade de construção de um mundo objetivo, sendo que esse se concebe e emana da consciência dos homens.

A capacidade teológica do ser dentro do processo de sua ação relativizava sua atividade diferenciando-a, é concomitante que a distinção que se faz do homem com relação a outros animais se dá precisamente na manutenção da vida, posta diariamente em prática de modo inconsciente instintivo.

À medida que há uma emanação onde o espírito humano através de concepções e decisões conscientes perante atividades diversas passa a fazer de sua vida sua fonte de objetivação, se inicia uma materialização de seu interior em contíguo com seus atos criadores.

Bem nos lembra Antunes (p. 43) que existe uma dimensão subjetiva do trabalho, e falar em teologia no processo de trabalho, não denota, o que ele concebe como um teologismo, no qual, preexiste um domínio que é imputado como universal, mas, o que existe é unidade que se concede como indicotomizável, onde o homem transforma o trabalho, e se transforma pelo seu trabalho, atuando diretamente na natureza,

subordinando-a a seu favor, transformando-as em meio, e com trabalho ocorre essa circulação, com a diferença única de com o trabalho não se criam meios, mas, mátrias-primas.

Ranieri ao traduzir os escritos filosóficos de Marx, enfatiza que: "[...] a minha própria existência é atividade social; por isso o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social". [...] o individuo é o ser social, concordamos com o colocado e traçando um paralelo com Antunes a colocação indica que o homem em sua condição natural atua na sociedade, e contato com trabalho deve ampliar sua consciência.

O contato com o próprio produto dos eu trabalho, ou até mesmo do trabalho alheio é claramente uma ampliação da consciência do homem, e o objeto que existe na realidade mostra o ser social em sua totalização quanto as ações qualitativas dentro de inúmeras características.

É fatídico que para sobreviver, tendo o produto do trabalho, o homem enquanto um ser biológico, vivo, precisa ter suas necessidades satisfeitas, e tal satisfação se dá na mediação da produção de algo, produzir determinada mercadoria, a fim de atender as necessidades é por em centralidade o que Marx, vê como trabalho, "produzir valores de uso".

Para produzir valores- de- uso, é preciso apropriar-se da natureza, transforma-la, de acordo com suas vicissitudes, e vontades, implicando na apropriação natural, como atividade dirigida, tendo uma finalidade já estabelecida, em O Capital, atividade dirigida é denominada como atividade vital e consciente.

No volume I, do livro acima citado descreve-se que "A utilidade de uma coisa faz dela faz dela um valor- de – uso" (1996, p. 42), logo em seguida afirma que o valor-de- uso só se realiza com a utilização ou consumo (IBID, p.42), e assina ainda que o, numa sociedade desigual, "os valores- de- uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor- de troca" (IBID, p.43)

É dentro das formações econômico-sociais, totalizadas e baseadas na posse coletivista dos meios de produção que o homem se vê em uma ordem exterior que se reflete através da auto atividade, onde os produtos do trabalho visam a manutenção da reprodução social humana, efetivando que os valores de uso são fortificados no trabalho do homem, podendo ser valores de troca, uma espécie de contrariedade que completa seu ciclo.

No contato com objetos que vem a ser fruto de uma ação coletivista de ordem produtiva que o ser aprende em sua realidade a verdadeira essência. Segundo Ferreira, "Nos próprios objetos sociais – encontram-se explicitas todas as relações sociais de igualdade concernentes diretamente a essa forma de sociabilidade e organização da produção" (Ferreira, 2010 p.29), costurando as ideias de ferreira com Paro (2001), é possível perceber que o trabalho concreto voga o ato humano, uma ponderação social em que o homem é escritor da própria historia, um ser ético que pode fazer do mundo seu objeto.

Paro considera que a necessidade humana é contraposta a liberdade natural, o que mostra que o trabalho em sua forma concreta é explicitado conforme Marx:

> Atividade humana orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, condição natural eterna da vida humana, e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo igualmente comum a todas as formas sociais. (MARX, 1988, v.1: 146).

O homem ao estar em contato direto com o trabalho concreto produz valores de uso, ou seja, ele frutifica a utilidade que se possa oferecer a um determinante para satisfazer carências especificas o que alarga que o homem, em acordo com o trabalho produz no seio coletivo sua vida, objetivando seus objetivos.

O trabalho é blindado por Marx como algo que coloca o homem em uma espécie de metamorfose, é ele um ser produtivo que só se encontra dentro do processo social. Para Sanches e Asbahr (2006, p.59):

> No processo de trabalho, o homem transforma a natureza junto com outros homens. O homem é um ser radicalmente social e só se produz na coletividade. Não pode produzir-se diretamente, mas apenas indiretamente na medida em que em que compartilha os produtos do trabalho de outros seres humanos por meio da divisão social do trabalho. Ate mesmo, o trabalho individual particular, é produto das construções humanas anteriores. As transformações produzidas na natureza pelo homem são sempre medidas pela coletividade.

Abraçando as verificações das autoras é plausível que o homem é um ser social, produtivo que em contato direto com a coletividade consegue engajar-se no processo de trabalho, as mesmas autoras situam que o trabalho se compõe de três elementos básicos: objeto de trabalho, instrumento de trabalho, e a força de trabalho, posto que o objetivo e o instrumento de trabalho são condições primordiais para que se possa produzir, trazendo para mais perto de nos as constatações das autoras, os dois elementos apresentados primeiramente são o que Marx chama de meio de produção.

Ao falar da força de trabalho é cônscio que voltemo-nos para condições que são de ordem subjetiva, pois o individuo pode controlar e direcionar seu trabalho, ao dirigir tal força temos a formação do objeto de trabalho, que é o que será demudado, ele é vitima, sofre a ação do trabalho e tende a ser incorporado no produto final, ou seja, ser incorporado na mercadoria que é resultado da somatória de valores.

O que move o trabalho é força do trabalhador, quem trabalha resguarda a força subjugada do próprio trabalho ou conforme Sanches, o trabalhador não é a força de trabalho, mas sim quem a detém.

É coerente considerar que o saldo das forças humanas, aplicadas no trabalho, se funde em um valor, que é a resposta às necessidades humanas, sendo a força motriz de toda atividade, o que passa a se considerar neste momento é uma vontade orientada a um determinado fim, o que Marx (1988, V.I: 142) materializa então como "trabalho concreto", é com a interação para se chegar a um meio pré- estabelecido, atendendo as necessidades humanas que o homem se ausenta da condição natural, rumando a condição de ser social que produz a própria existência. Marx indica que:

> "O objetivo do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem, na medida em que ele se duplica não só intelectualmente, como na consciência, mas também operativamente, realmente, e intui-se por isso num mundo criado por ele" (1994, p. 68).

É vigente que a atividade produtiva dos homens é a condição básica fundamental da condição humana; evidenciando a fala de Engels "até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem", sendo que o fato primordial é o advento da sociabilidade humana é a própria atividade humana, produtividade e ou capacidade do ser em conceber um mundo que lhe seja estranho refletindo e emanando a consciência livre.

O trabalho deve ser visto como um complemento das necessidades, ele não envolve simplesmente competências de cunho técnico são atividades com um fundo objetal, onde deve existir um elo expresso entre os meios de produção, para que não ocorra uma restrição de funções, que levem os envolvidos a um processo de alienação, é, portanto o trabalho um processo dialético em que o ato de pensar é partida e as ações a serem tomadas são uma subjetividade objetivada.

Com o apoio em Marx, fica aclarado que sem o homem e sem a natureza é impossível se ater a existência de objetivações, temos ai o que o autor chama de metabolismo entre homem e natureza, ou seja, o trabalho e suas relações transformam em realidade pensamentos, objetivam objetos, dialeticamente o trabalho é uma estrutura

que se relaciona com a ontologia firmada entre natureza e sociedade, sendo que a máxima de sua função é formar seres sociais.

Trabalho na sociedade capitalista: a metamorfose da função do trabalho e do trabalhador.

Em uma sociedade em que o desenvolvimento, a industrialização, e o lucro tornam-se protagonistas, o trabalhador e o trabalho perdem sua especificidade, e a função trabalhista acaba inexistindo sem a máxima de sua materialização, não se fulgura mais a visão de que o trabalho é a libertação do ser humano, sua emancipação, sua carta de alforria, o que ocorre é um dilaceramento da função do trabalho, estabelecendo desta forma a passagem diária e constante do trabalho como atípico que em sua inércia traja um processo de metamorfose.

Falar de trabalho na sociedade capitalista é levantar e colocar em foco a produção de mais valia, na sociedade em questão, os capitalistas acumulam riquezas com o excedente produzido, o trabalhador é expropriado dos meios de produção, resta a ele vender sua força de trabalho, temos uma violência simbólica, onde a qualificação e a divisão retomam a gerência científica, vem substituindo o capital vivo, por capital morto, nascendo, a substituição do homem pela máquina.

Antunes (1999, p. 23) vê que este movimento substitutivo de capitais se dá com modificações vindas, principalmente da década de 80, sendo que este foi um momento de saltos e sobressaltos tecnológicos, a automação, robótica, microeletrônica, praticamente invadiram, e tomaram conta do espaço fabril, o que desenvolveu as relações de trabalho e de produção do capital.

Vivenciamos a glória do trabalho abstrato, que dá sustância ao valor de mercadoria, em suma, o tempo de trabalho, a qualificação, são requisitos para criar valor incorporado, já que só o trabalho cria valor, o maquinário regula a vida do sujeito, não é o homem que conduz a máquina, mas a máquina que governa a vida, e o homem, ao congregar o trabalho morto à maquinaria, Antunes contempla:

> .Observa-se, no universo do mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, uma múltipla processualidade: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado, com maior ou menor repercussão em áreas industrializadas do Terceiro Mundo. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços; verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa também através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário; vivencia-se

> também uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, "terceirizado", que marca a sociedade dual no capitalismo avançado. (Antunes, 1999, p.47.)

Partindo do que se coloca acima é imaginável que o trabalho está em metamorfose, ou metamorfoses anua Antunes que, se nos remetermos ao passado é mais transitável e abrangente conceber as mutações, como um desencadeamento causado pelo fordismo-toyotismo, alargando a produção em massa, a cronometria, tendo por mote uma produção e especialização flexível.

Criticamente Antunes (p.191) refuta que a expressão mais intensa do toyotismo é assolada pela (des) socialização contemporânea, acarreando uma destrutiva admissão entre a força de trabalho, se brutalizam os direitos, destroçando a relação natureza x produção, resumidamente a transfiguração das bases da TGA, apresentam exequívelmente a sociedade do trabalho como objeto descartável.

É envolto nesta modificação que o toyotismo vai propor modalidades de desconcentração industrial, vai colocar em execução uma nova expressão de trabalho, na qual a alternativa, é atender a uma minoria, repondo o que foi vendido, tendo sempre como meta principal currículos de qualidade, que propagam a ideia da qualidade total, afortunando países de capitalismo avançado, além disto, é com o toyotismo que abarcamos o que Antunes, convenciona como múltipla processualidade, acontecendo uma desproletarização do trabalho, e uma superexploração.

Em outras palavras, o capital vivo passa a ser reposto por um capital morto, a máquina toma o lugar do homem, que ainda a opera, equivalendo que esta era uma das necessidades de responder a crise financeira, a especialização e a polivalência aumentam a produção sem aumentar em número os profissionais, a gestão importa métodos como o kanban, existente desde 1962 nos Estados Unidos.

A metodologia que viabiliza as modificações e os traços mais gerais do capitalismo monopolista das fábricas Toyota, conecta uma produção veiculada a demanda, sendo variável e heterogênea, conferindo uma multivariação de funções e especificidades, sem nos esquecermos do Just in time, funcionando como o kanban, horizontalizando a produção, e a transferindo na sua maioria a terceiros.

Mesmo tendo surgido o toyotismo depois do pós- guerra, a expansão do kanban é o que Coriat (1992 p. 27-30), abanca como traço distinto, onde se acata competência e competitividade, como a habilidade de atender com agilidade pedidos variados rapidamente no menor tempo, (Just in time).

Além do que já mencionamos até o momento, sobre alguns tópicos que remetem as especificidades toyotistas, não podemos deixar de ser citar o movimento sindicalista que colocava como carro chefe o lema da família Toyota: "proteger nossa empresa para defender a vida", Coriat (1992b: 37) produz como condição essencial para o sucesso capitalista da empresa japonesa e, combinando repressão com cooptação, emprego vitalício, a especialização, subordinação patronal, é na verdade um universo concebido em que se amplia o subproletário.

Pode-se dizer que as novas tendências, cunham a concepção crescente de subproletário, para Antunes:

> Se evidencia uma nítida redução do proletariado fabril, industrial, manual, especialmente nos países de capitalismo avançado, quer em decorrência do quadro recessivo, quer em função da automoção, da robótica e da microeletrônica, gerando uma monumental taxa de desemprego estrutural. (IBIDEM, p. 49,1992).

Concordando e completando, com as inovações tendenciais houve uma queda na mão de obra fabril, por conta da superespecialização, e paralelamente ampliou-se o contingente de trabalho parcial, temporário, terceirizado, causando uma subproletarização.

O trabalhador já não apresenta seus objetos de modificação, a natureza do trabalho se transforma em natureza industrial, coexistindo a intelectualização do trabalho social, algo bastante anômalo, onde não se transforma o material, mas se supervisiona o processo produtivo, valendo-nos novamente de Antunes (p.56) "Há, portanto, mutações no universo da classe trabalhadora, que varia de ramo para ramo, de setor para setor. Desqualificou-se em vários ramos diminuiu em outros.".

A morfologia do trabalho tem novos contornos, a especialização e desespecialização andam lado a lado, da introdução do toyotismo, decorrem trabalhadores multifuncionais.

Nas sociedades do capitalismo o trabalho não é motivado só por trabalhadores multifuncionais, ou alienados dos modos de produção, com a desqualificação e qualificação andando de mãos dadas surgem os supervisores e reguladores do modo de produção, é com o intercambio trabalho vivo por objetivado que se desenvolve a relação de valor com fundamentos no próprio valor.

Com a produção embasada no valor o tempo e a quantidade de trabalho aplicado a uma tarefa indicam a quantia de riqueza que o capitalista terá é no excedente que se consolida a mais-valia, ampliando a fortuna pelo trabalho.

A mais-valia só pode ser apropriada se houver o que Marx chama de momento de troca, pois o trabalho se aglutina e cristaliza em um produto, e é com essa troca que se iça um nivelamento, um igualamento dos trabalhos concretos, postulando que neste cenário ocorre uma abstração social do concreto, o trabalho passa a ser considerado, um trabalho abstrato.

Para Rubin: "o trabalho abstrato surge e se desenvolve à medida que a troca se torna forma social do processo de produção, transformando, assim o processo de produção em processo mercantil"(Rubin, 1987,p. 160)

Ao Compartir com os empregos do autor é clássico considerar que o trabalho abstrato é que da o valor das mercadorias, e seu preço pode ser mensurado pelo desprendimento do tempo, de recurso, de forças.

Fez-se indispensável discorrer, mesmo que brevemente, sobre valores de troca e de uso, para provar que só com o trabalho é que existe a criação de valores, unicamente o trabalho tem a probabilidade e a possibilidade de produzir valor, o capitalista só consegue valorar o que tem em mãos se incorporarem a seu produto um trabalho, é com o trabalho que se move a trama a transposição para o mercantilismo.

As mercadorias assumem um posto representativo, em contato direto com as relações de cunho social, alçando o status de coisificação das analogias sociais, indo além, é o que Marx, deposita como "fetichismo da mercadoria".

Para finalizar é obvio que dependemos de uma modificação, em que o trabalho não se suprima, mas se transforme radicalmente, Antunes em seus escritos considera precisamente a possibilidade de uma consciência omnilateral, rompendo paradigmas, trazendo novos ares, indo além do capital.

Trabalho e educação: uma possibilidade de combate ao capitalismo.

Uma mudança real só ocorrerá através de soluções essenciais, "Ir além do capital" é uma tarefa que deve ser zelada pela educação, pois ao atrela-la ao trabalho, trabalho que não se limita a alienação mecanicista e a reeficação que é a enraização da alienação no indivíduo e a cristalização do fetichismo mercantil, temos uma possibilidade de transformação em curso, onde a formação de cidadãos críticos, e intelectuais é um trunfo.

É legítimo que para ocorrer uma modificação presencial no quadro em que estamos, estudos precisam ser considerados, avaliados, a maioria dos estudos sobre

educação sempre estão no nível macroestrutural, ou microestrutural, o nível intermediário que á mezoestrutura, a sala de aula, o verdadeiro chão da escola, onde tudo acontece, nem sempre tem o destaque merecido, infelizmente, perdemos muito com isso, pois como venho advertindo é no processo pedagógico que existe a possibilidade de mudança, de ruptura com imposições vigentes, formando os intelectuais que podem ser mais ativos do que as premissas iniciais.

Gramsci argumenta sobre a tendenciosa concepção de educação e vida intelectual, para ele existe uma tendência democrática de escola e esta não consiste apenas em qualificar um operário manual, mas elevar todos os seres humanos a desenvolver a capacidade de governarem, evidenciando, assim, que todos os homens são seres dotados de intelecto, porém não desempenham estes a função de intelectuais. Cita o mesmo:

> "Não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – O Homo Faber não pode ser separado do Homo sapiens. Além disso, fora do trabalho todo homem desenvolve alguma atividade intelectual; ele é em outras palavras um "filósofo", um artista, um homem com sensibilidade, ele partilha uma concepção do mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e, portanto, contribui para manter ou mudar a concepção do mundo, isto é, para estimular novas formas de pensamento" (Mészáros, p.208).

Uma postura democrática é adotada por Gramsci, o poder está na sociedade política. As ideias estereotipadas e defasadas devem ser combatidas, mudando a mentalidade através da formação dos intelectuais, saindo do senso comum, acabando com a distinção entre a pessoa simples e a intelectual.

Sendo assim, assume uma postura multifacetada onde a infraestrutura econômica depende da estrutura, sublinhando, que só haverá mudança afetando os meios de Produção Proletários e a sociedade civil. Para que sobreviesse uma autêntica mudança, seria então, irretorquível se valer da democratização da cultura e do conhecimento, já que os intelectuais vêm da escola.

Valendo-me de Gramsci, sequencio, enfatizando que através de uma mudança radicalista no contexto modal de internalização é que se poderá quebrar o controle do capital. É dever advindo que desafiemos o rompimento com o domínio da internalização.

Hora, se existe uma possibilidade de mudança, de transformação social, ela começa com a postura educacional, e o educador tem ai o papel mais importante, é no processo pedagógico que a mutação pode ocorrer, a tarefa do educador não produz

mais-valia, a transmissão do conhecimento engloba uma assimilação, que se constitui na atualização histórica.

Sabendo que o trabalho pedagógico não produz mais valia, Marx (1978) evidencia que os trabalhos desfrutáveis em forma de serviço, como o pedagógico, não produz produtos separáveis dos trabalhadores, desta forma, a produção educacional só pode ser submissa ao capital formalmente.

No caso dos professores da escola pública, que é a analisada, o trabalho não é produtivo, pois o materialismo do trabalho não é palpável, o conhecimento em forma pura, não é transponível em valores, já que o objeto de trabalho é a mesmo tempo produto e objeto de trabalho, segundo Saviani (2000), não existe na educação uma separação entre produto e consumo, o aluno na ação pedagógica, participa da elaboração e do consumo da aula, assim ele atua como antagonista e protagonista, mas, compartilhando com Paro, que vai além do que Saviani entende como consumo e produto de aula, ele materializa como produto, a aula que tem uma extensão, cuja qual, o educando vai continuar se valendo do apreendido, apropriando-se deste modo de um saber incorporado por ele.

O saber o apreendido durante as aulas vão ser conosco por toda nossa vida, parafraseando José Martí a aprendizagem é a nossa própria vida da juventude até velhice, pactuando que o saber incorporado continua a realizar sua atividade.

Como bem colocou Gramisc, a escola tem por essência formar intelectuais, cabendo a cada um sê-lo, na política liberal, há uma brecha onde o conhecimento é inalienável, e não se separa dos meios de produção, desta maneira é corrobável que a educação tem muito poder, e se atrelada à sociedade pode ser um mecanismo bastante eficiente no combate às personificações do capital, o processo pedagógico que é o cerne da questão educativa, é o primeiro passo para uma descaracterização das intermediações estruturais.

Com isso terminamos, evidenciando que a educação, mesmo estando aberta ao capitalismo, carrega consigo a possibilidade de romper com tal paradigma, ela carrega em seu âmago a dualidade de um processo retórico.

Considerações finais.

Buscamos comprovar que o trabalho perdeu sua essência, não é mais ele quem dignifica o homem, sendo adequação das necessidades humanas, produzindo apenas valores de uso, o que procurei esclarecer, é que o trabalho não é mais a transcendência da condição natural do homem.

Em uma sociedade capitalista o trabalho passa por uma metamorfose, se transforma e modifica os valores de uso produzidos, se configurando em valores de troca, assim o capitalista aumenta a sua riqueza com a produção de mais-valia.

Acreditamos que a mais- valia é um dos pontos centrais em tal estrutura de controle sociometabólico, é por seu excedente, que os homens vendem sua força, e aumentam as fortunas da classe abastada, agigantando as desigualdades.

Com a expropriação dos trabalhadores dos meios de produção, o capital vivo, dá lugar ao capital morto, a gerência cientifica que acopla o trabalho morto ao maquinário dirige a vida do homem, o trabalho deixa de ser m transformador e passa a ser um alienador, pois com as trocas de capitas vivos por mortos, eclode uma super especialização, dividindo o trabalho em manual e intelectual.

O que se passa na sociedade atual é uma reeficação, enraização da alienação, onde se cristaliza o fetichismo mercantil, internalizando valores de mercado, o trabalho no seio capitalista é algo que acaba por ser causa de estranhamento, levando o ser ao alto de sua capacidade.

Estamos na era de discursos critico- reprodutivistas, com saídas políticas, pensar em algo que combata o capitalismo para muitos é insanidade, o sistema é imutável, e o capital incontrolável, porém, existe uma arma ao nosso alcance, o que nos falta é valermo-nos dela.

Quando falamos em combate ao capitalismo, nos voltamos para educação, que mesmo em sua forma antagônica, relativiza possibilidades, é a única vertente em que o capitalismo não age plenamente, não produz mais valia, e o processo pedagógico guarda em seu âmago, a caracterização dos envolvidos serem autores e co-autores, do seu conhecimento, e, em sua forma pura o conhecimento impossibilita a transfiguração do mercantilismo e da troca.

Concluímos que existe uma saída, temos uma possibilidade para combater o capitalismo, atrelando educação e trabalho, rumamos para o que Lúcáks ilustra, sintetizando que mudanças só se dão na mentalidade das classes, e a consciência ocorre em um processo histórico.

Referências bibliográficas.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2010.

ASBAHR F.S F & SANCHES, Y. C. S. **Transformação social uma possibilidade da educação escolar?**

CORIAT, Benjamim. **El taller y el robot: ensayos sobre Le fordysmo y la produción em massa em la era de la eletrónica**.México\ Espanha: Siglo XXI, 1992 a.

.GRAMSCI A**. Política e Poder.**

_____. **Concepção dialética de história**. 2. ed. Rio de Janeiro,Civilização Brasileira,1978a.

MARX, K. **O capital: critica econômica e política.** Rio de janeiro: Civilização brasileira, [s.d] livro 1,2 v.

_____. Prefacio. In _____. **Contribuição a critica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARX e ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Editora Hucitec, 1987;

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo, SP: Moraes, 1980.

_____**Formações econômicas pré-capitalistas.** SP: Paz tona, 1991.

_____. **Manuscritos econômicos filosóficos.** SP Boitempo, editorial 2004.

MÉSZÁROS, I: **A educação para além do capital.** 2008. SP. Boitempo.

PARO, V.H**, A natureza do trabalho pedagógico**. In: gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 1997.

_____ **Parem de preparar para o mercado de trabalho!!!- reflexões acerca do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica**. São Paulo: Xamã, 200.

_____ **A teoria do valor em Marx e a educação** (org.). São Paulo: Cortez, 2006.

RUBIN, I.LL. **Teoria marxista do valor**. São Paulo: Polis 1987.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**, Campinas: Autores associados, 2000.

SILVA, N. F. **A alienação no trabalho em Marx nos manuscritos econômicos filosóficos de 1984.** UNESP Araraquara, 2001.